

Saltos para além da aula: proposições para uma pedagogia do salto

RESUMO

Este ensaio propõe a Pedagogia do Salto como resposta às pedagogias do controle que domesticam corpos e anulam o risco, condição fundante de toda prática corporal, no ensino da Educação Física Escolar. Inspirada por experiências docentes e pesquisas com o Parkour, a proposta compreende o salto como metáfora e prática que acolhe a incerteza, o erro, o improviso e o risco como dimensões formativas e indissociáveis do aprender. Apresenta fundamentos, princípios e possibilidades de aplicação transversal nos conteúdos da Educação Física, defendendo o risco não como ameaça, mas como potência pedagógica. Saltar, aqui, é enfrentar a norma com cuidado, criar frestas com o possível, sustentar o ensino com afeto e reinventar a escola a partir de sua realidade concreta, instável e ainda assim fértil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Pedagogia do salto; Risco educativo; Currículo; Prática docente

Joanna Las Casas

Mestra em Educação Física – Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Prefeitura Municipal de São Gonçalo,
Secretaria Municipal de Educação (SEMED),
São Gonçalo, RJ, Brasil
joannalascasas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6099-5343>

Leaps beyond the classroom: propositions for a pedagogy of the leap

ABSTRACT

This essay proposes the Pedagogy of the Leap as a response to control-based pedagogies that domesticate bodies and eliminate risk, a foundational condition of all bodily practice, in Physical Education teaching. Inspired by teaching experiences and research on Parkour, the proposal understands the leap as both metaphor and practice that embraces uncertainty, error, improvisation, and risk as formative and inseparable dimensions of learning. It presents the foundations, principles, and possibilities for transversal application across Physical Education content, defending risk not as a threat but as a pedagogical force. To leap, in this context, is to confront normative structures with care, to open cracks through the possible, to sustain teaching with affection, and to reinvent school from its concrete, unstable, and yet fertile reality.

KEYWORDS: School physical education; Pedagogy of the leap; Educational risk; Curriculum; Teaching practice

Saltos más allá del aula: propuestas para una pedagogía del salto

RESUMEN

Este ensayo propone la Pedagogía del Salto como respuesta a las pedagogías del control que domesticar cuerpos y anulan el riesgo, condición fundante de toda práctica corporal, en la enseñanza de la Educación Física Escolar. Inspirada en experiencias docentes e investigaciones con el Parkour, la propuesta comprende el salto como metáfora y práctica que acoge la incertidumbre, el error, el imprevisto y el riesgo como dimensiones formativas e indisolubles del aprendizaje. Presenta fundamentos, principios y posibilidades de aplicación transversal en los contenidos de la Educación Física, defendiendo el riesgo no como amenaza, sino como potencia pedagógica. Saltar, aquí, es enfrentar la norma con cuidado, crear fisuras con lo posible, sostener la enseñanza con afecto y reinventar la escuela a partir de su realidad concreta, inestable y aun así fértil.

PALABRAS-CLAVE: Educación física escolar; Pedagogía del salto; Riesgo educativo; Currículo; Práctica docente

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar (EFE), historicamente atravessada por disputas sobre seus sentidos, práticas e finalidades, segue sendo marcada por tensões que atravessam o corpo, o tempo e o espaço da escola. Nos últimos anos, o avanço das políticas educacionais baseadas em resultados, a ampliação de mecanismos de controle avaliativo e o fortalecimento de racionalidades prescritivas têm operado uma redução perigosa da experiência educativa ao cumprimento de metas, competências e condutas padronizadas. Nesse contexto, o corpo, matéria-prima e linguagem da EFE, tende a ser disciplinado, neutralizado, silenciado. O medo do erro, o receio da improvisação e o controle do risco se impõem como regras não escritas da prática pedagógica, restringindo o potencial criativo, político e expressivo das aulas.

Essa lógica, no entanto, esbarra em uma contradição fundante: não há prática corporal sem risco. Ensinar Educação Física (EF) é, em alguma medida, lidar com a imprevisibilidade. Seja no Esporte, na Dança, na Luta, nos Jogos e brincadeiras, na Ginástica ou nas Práticas Corporais de Aventura, todo gesto carrega em si a possibilidade do tropeço, do desequilíbrio, da dor, mas também da criação, da superação e da invenção. O risco não é um desvio do percurso: ele é o próprio chão da experiência. Negá-lo, neutralizá-lo ou ignorá-lo não apenas enfraquece a potência da EFE como reduz a própria escola à repetição do mesmo.

Foi a partir dessa constatação, vivida na prática docente, tensionada na pesquisa e escutada nos relatos de professores(as), que emergiu a ideia da Pedagogia do Salto. Uma proposição que nasceu no contexto de investigação sobre o ensino do Parkour, mas que rapidamente se expandiu, ganhando densidade e abrangência para além de uma prática específica. Porque saltar, como metáfora e como gesto, atravessa a EF em sua totalidade. Saltar é lidar com a suspensão, com o cálculo e com o imprevisto; é enfrentar limites, redesenhar trajetos e permitir-se cair. E se o corpo que salta desafia a gravidade, o(a) professor(a) que salta desafia a norma, com responsabilidade, mas também com coragem.

Este ensaio teórico propõe-se, assim, a apresentar os fundamentos, os princípios e as implicações de uma pedagogia que compreende o salto não como exceção, mas como condição. Uma pedagogia que se recusa a ver o risco como inimigo, que desconfia das receitas prontas, que aposta na experiência como campo de formação. Uma Pedagogia do Salto: não como método a ser replicado, mas como horizonte a ser habitado por aqueles(as) que, mesmo diante dos muros, escolhem o movimento.

CORPO, RISCO E CONTROLE: pedagogias que domesticam

Ao longo da história da EFE, o corpo foi tratado como objeto a ser moldado, corrigido e normalizado. A disciplina, marcada em suas origens pelo militarismo e pela higienização, bem como outras Tendências e Abordagens, consolidou-se como um dispositivo de contenção e de regulação dos corpos, como mostram autores(as) como Ghiraldelli Junior (1998), Bracht; González (2005), Soares (2012), Milagres *et al.* (2018), Menech; Cardoso (2021), Nunes; Lima (2023), Pereira *et al.* (2023), Leal *et al.* (2024). A EFE foi, durante décadas, atravessada por uma racionalidade que privilegiava o rendimento, a padronização dos gestos e a submissão às normas, reduzindo o corpo a uma engrenagem a ser disciplinada pela repetição técnica e pela hierarquização de desempenhos.

Nesse contexto, o risco passou a ser entendido como elemento a ser eliminado. O corpo escolarizado deveria ser controlado para não sair da linha, para não se ferir, para não comprometer a ordem da aula. Como mostram Sehn; Neuenfeldt (2022), o medo do risco molda a prática docente, reforçando abordagens que evitam a imprevisibilidade, o imprevisto e a experimentação. Tal gestão do risco, marcada pelo ideal da previsibilidade absoluta, associa-se a uma pedagogia do fracasso: errar não é parte da aprendizagem, é sinal de incompetência. E isso limita profundamente a formação dos(as) estudantes.

Como alerta Larrosa Bondía (2002), ensinar não é garantir o controle do processo, mas possibilitar experiências que desorganizem as certezas. No entanto, a racionalidade que estrutura grande parte da cultura escolar contemporânea é pautada pela mensuração, pela eficiência e pelo medo do inesperado. Esse modelo, como denunciam Santos; Meneses (2013), é parte de um projeto mais amplo de produção de monoculturas: da ciência, do saber "legítimo", da escola que não se arrisca.

A partir da perspectiva foucaultiana, autores como Silva (2012) e Oliveira (2017) apontam que a escola atua como maquinaria disciplinar, atravessada por biopolíticas que regulam os corpos, seus movimentos, seus gestos e até seus desejos. Na EFE, esse controle se expressa de maneira ainda mais visível: organização em filas, separações por gênero, avaliação por desempenho, normalização do gesto. A docilização dos corpos é, como assinala Oliveira (2017), reforçada por discursos que naturalizam diferenças e reforçam estereótipos.

Essa pedagogia da contenção, como sublinha Ribeiro; Carvalho (2022), opera através da lógica da repetição e da adequação, anulando a diferença como possibilidade criativa. Em lugar da formação, temos o adestramento. Em lugar da experiência, a instrução. O medo do risco, portanto,

não é apenas um cuidado com a integridade física: é estratégia de controle sobre o corpo, sobre o saber, sobre a vida.

No entanto, é preciso reconhecer que o medo do risco, para muitos(as) professores(as), não é apenas expressão desse tipo de pedagogia, mas também um reflexo das condições reais da escola. Não são poucos os casos em que um simples tropeço do(a) estudante mobiliza sindicâncias, advertências, reuniões com pais e até responsabilizações formais do(a) docente. A retórica da segurança, muitas vezes instrumentalizada para o controle, também se torna um mecanismo de autodefesa dos(as) professores(as) diante de um sistema que cobra a inovação, mas pune a ousadia. Há professores(as) que desejam fazer diferente, mas que se deparam com a pergunta que ecoa em muitas salas dos professores: *E se alguém se machucar?*

Essa pergunta não pode ser descartada com arrogância teórica. Ela precisa ser escutada com radicalidade. O salto, portanto, não pode ser tratado como heroísmo docente, mas como um gesto coletivo que exige suporte institucional, formação crítica e redes de solidariedade. A Pedagogia do Salto não propõe o risco irresponsável ou o imprevisto desinformado, propõe reconhecer que o risco é inevitável, que o risco é normal, e que ele pode ser educativo. O risco não é um acidente da prática corporal: ele é constitutivo dela. Não há Jogo sem possibilidade de queda, não há Dança sem desequilíbrio, não há aprendizagem sem instabilidade. Não há Luta sem a chance de levar (ou dar) um golpe fora do previsto, não há brincadeira sem a possibilidade de um joelho ralado, um dente de leite desaparecido (que já estava mole!), um galo na testa ou aquele “não sei o que aconteceu, professora, ele só escorregou”.

Fingir que o risco não existe não o elimina, só o esconde debaixo do tapete da burocracia. Assumi-lo, pelo contrário, permite criar estratégias reais de cuidado, de escuta e de formação, pois como afirmam França; Domingues (2023), é preciso reconfigurar o risco como possibilidade de aprendizagem, e não como paralisia. Saltar, portanto, não é desprezar o risco. É aprender a caminhar com ele, a partir dele, por entre ele, e compreender que isso, também, é ensinar.

PEDAGOGIA DO SALTO: bases de uma proposição

A Pedagogia do Salto não nasceu como teoria pronta, tampouco como método a ser replicado. Ela emergiu da escuta do chão da escola, do encontro com os limites impostos à docência e da intuição de que, diante de tanta rigidez, só o movimento pode ensinar. O salto, como imagem, surgiu primeiro no corpo, no gesto de professoras(es) que ousam atravessar muros simbólicos e concretos.

Depois, tornou-se linguagem: uma tentativa de nomear uma pedagogia que reconhece o risco, a instabilidade e a invenção como condições formativas, e não como desvios a serem corrigidos.

Mais do que uma técnica ou uma abordagem, a Pedagogia do Salto é um horizonte. Ela se organiza em torno de um gesto epistêmico: o salto como ato de travessia, suspensão, desequilíbrio e criação. Saltar é sair de um lugar sem saber exatamente onde (ou como) se vai aterrissar. É desafiar a gravidade das normas, das tradições, das certezas. O salto exige cálculo, mas também coragem. Ele é gesto que carrega o corpo inteiro: não apenas os músculos, mas os medos, as memórias, as dúvidas e os desejos. Como propõe Larrosa Bondía (2002), a experiência educativa não é aquilo que se controla, mas aquilo que nos atravessa, que nos faz hesitar e desestabiliza o já sabido.

Por isso, é importante dizer o que Pedagogia do Salto não é. Ela não é um método fechado, com etapas, fórmulas ou técnicas. Não oferece modelos de aula, nem rubricas de desempenho. Ela é, antes, uma forma de ver, de sentir e de se relacionar com o processo de ensinar-aprender. Em consonância com Santos; Menezes (2013), o conhecimento não pode ser reduzido à lógica da monocultura e da prescrição. É preciso abrir espaço para outras epistemologias, que se constroem a partir da experiência, da corporeidade, da incerteza e da escuta.

Ela também não está restrita a Práticas Corporais de Aventura, embora tenha emergido no contexto do *Parkour*. Porque o salto não acontece só sobre muros ou obstáculos físicos: ele acontece na dúvida do(a) professor(a), na hesitação do(a) estudante, no imprevisto de uma aula que se desorganiza para se refazer.

A Pedagogia do Salto não se opõe à intencionalidade docente, ela se opõe à ilusão de controle absoluto, à expectativa de resultados previamente definidos, ao ensino como execução linear de planos imutáveis. Nessa pedagogia, o planejamento existe, mas é poroso. O currículo existe, mas é móvel. O tempo não é apenas cronológico, mas vivido. O espaço não é apenas delimitado, mas reinventado pelo gesto. E o corpo, sempre ele, deixa de ser objeto da prática para tornar-se sujeito do conhecimento, produtor de linguagem e de sentido. Soares (2012) nos lembra que o corpo é lugar de memória, expressão e criação, e que sua presença na escola não pode ser reduzida a mero instrumento técnico.

Pensar o salto como imagem epistêmica é compreender que o conhecimento não se dá apenas pelo acúmulo de informações, mas pelo enfrentamento da instabilidade. A queda ensina. O desequilíbrio revela. A suspensão abre espaço para o que ainda não sabemos nomear. Ensinar, nessa perspectiva, é saltar junto, não à frente, não acima, mas ao lado. A aula se torna travessia, e o(a) professor(a), companheiro(a) de voo.

A Pedagogia do Salto, tal como aqui nomeamos, é uma proposição autoral. Não surge como resposta definitiva, mas como inquietação que insiste, como gesto que desestabiliza, como travessia

que arrisca. Ela é construída no entre: entre a sala de aula e a rua, entre o planejamento e o improviso, entre o medo e a coragem, entre o chão que se pisa e o chão que ainda não se vê.

Esta é uma tentativa de contribuir com o campo da EFE por meio de uma pedagogia que reconhece o corpo em travessia, o gesto como linguagem e o risco como condição e não como exceção. Não se trata de uma teoria fechada, mas de uma abertura. Ela nasce da escuta, da prática e da urgência. E como todo salto, talvez não tenha ainda um solo consolidado à frente. Mas ainda assim, nos lançamos.

Se ousamos propor esse conceito, é porque acreditamos que a EFE precisa de mais do que técnicas: precisa de imagens que inspirem, de sentidos que desloquem, de convites que convoquem. A Pedagogia do Salto é isso: um convite. Um risco. Um gesto político de esperança e de desobediência.

Uma contribuição que se inscreve não na autoridade de quem tem as respostas, mas no corpo de quem está em movimento com as mesmas dúvidas, pressões e boletins de ocorrência pedagógicos de quem lê. Uma professora que já foi questionada, já se calou, já tentou seguir o modelo e já sentiu que não cabia. Que está lascada junto, cansada junto, mas que ainda encontra, na dobra do gesto, uma chance de fazer diferente. Porque às vezes é ali, no segundo em que a bola fura pela terceira vez, no instante em que o(a) aluno(a) pergunta “é pra copiar?”, ou quando o plano de aula vira aviãozinho no pátio, que nasce outra coisa. Uma fresta. Uma fagulha. Um desvio. A dobra do gesto é esse espaço miúdo, quase invisível, onde a aula desanda e por isso mesmo, floresce.

É nesse intervalo entre o previsto e o vivido que mora a pedagogia que salta. Não a que segue o roteiro com perfeição, mas a que improvisa um novo trajeto com o que tem, com quem está, com o que sente. E se às vezes isso inclui galo na testa, cadarço arrebentando no meio da corrida, dente mole desaparecido, aluno(a) chorando porque o(a) colega chamou o *Pikachu* de feio e “chororô” porque perdeu no par ou ímpar e acha que a vida acabou, faz parte. Porque ninguém aqui está falando de escola perfeita, e sim de escola real. De aula que dá errado e vira outra coisa. De professor(a) que só não desistiu porque alguma coisa faz sentido. E isso já basta para saltar mais uma vez.

Durante muito tempo, a academia produziu teorias que não cabiam na quadra da escola. Que não escutavam o(a) professor(a), que não sentiam o medo de alguém cair e se machucar, que não sabiam o que era planejar com três bolas furadas e trinta, por vezes quarenta alunos(as). Se queremos outro futuro, precisamos escrevê-lo, não apesar disso, mas justamente a partir disso. Se não formos nós a produzir nossas pedagogias, nossas verdades continuarão sendo escritas por quem não pisa o mesmo chão.

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DO SALTO

Se a Pedagogia do Salto não é método nem fórmula, ela também não é uma abstração vaga. É uma proposição que se ancora em princípios que orientam a prática, a escuta e o planejamento docente. Princípios que não ditam caminhos, mas iluminam desvios. Que não encerram o pensar, mas o disparam. Que nascem do chão da escola, mas olham para o céu mesmo quando o teto é baixo.

E muitas vezes, o teto é baixo. Baixo de tempo, de recursos, de reconhecimento, de apoio institucional. Baixo de esperança. Há escolas em que tudo parece empurrar para baixo: as expectativas, os salários, os olhares, os discursos. Mas mesmo ali, no aperto das estruturas, no sufocamento provocado pelas demandas, ainda assim há quem salte. Há quem invente aula no corredor, quem acolha aluno(a) com o que tem, quem transforme o intervalo em espaço pedagógico.

Essa pedagogia nasce desse gesto. Não da idealização, mas da realidade de escolas que resistem como podem. Ela reconhece que o salto é muitas vezes pequeno, imperfeito, invisível, mas ainda assim, salto. Porque se há algo que permanece, é a possibilidade de se mover, ainda que com pouco espaço. De criar brechas. De imaginar o alto, mesmo quando o teto insiste em ser baixo. A seguir, apresentam-se os fundamentos que estruturam essa pedagogia em movimento.

1. A travessia como forma de saber - *Aprender exige deslocar-se do já sabido.*

Toda aprendizagem é, antes de tudo, um atravessamento. Sair do conforto do que se domina para mergulhar na instabilidade do que se descobre. A travessia não é só do conteúdo, mas da escuta, do gesto, do lugar de fala e do lugar de escuta. O(a) estudante que aprende se movimenta e o(a) professor(a) que ensina também. Como em todo salto, não se chega ao outro lado sem deixar o chão onde se estava.

2. O risco como potência pedagógica - *Não como algo a evitar, mas a dimensionar.*

Não há ensino sem risco. Ensinar é arriscar-se: na escolha do conteúdo, no modo de dizer, no vínculo que se constrói. O risco faz parte da prática corporal, seja na queda, no tropeço, no confronto, e também da relação pedagógica. A Pedagogia do Salto não celebra o risco irresponsável, mas convida a reconhecê-lo, mediá-lo, trabalhar com ele. O risco, quando escutado, se transforma em potência.

3. O gesto como linguagem - *O corpo fala, inscreve, comunica, e ensina.*

Cada movimento carrega um saber. O corpo que salta, que hesita, que recua ou que avança comunica sentidos que nem sempre cabem na lousa. A Pedagogia do Salto reconhece no gesto não só expressão, mas produção de conhecimento. O gesto é verbo, é fala, é discurso que se escreve com o corpo. E o ensino que o ignora, silencia parte da aprendizagem.

4. A incerteza como condição do ensino - *O improviso não é falha, é método.*

A escola insiste em desejar certezas. Aulas com roteiro, avaliações com gabarito, tempos cronometrados. Mas o ensino real, aquele que toca e transforma, raramente cabe nesses moldes. Ele nasce na dobra, no intervalo, na resposta que o(a) professor(a) não esperava. O improviso, longe de sinalizar despreparo, revela escuta. A Pedagogia do Salto assume a incerteza como solo fértil do encontro pedagógico.

5. O erro como parte da aprendizagem - *Errar não é falhar, é experimentar.*

O erro, quando tratado como desvio, produz vergonha e bloqueio. Quando reconhecido como parte do processo, abre caminhos para a experimentação e o crescimento. Saltar pressupõe errar o tempo, tropeçar no percurso, cair, e aprender a levantar. Aqui se reivindica o erro como parte legítima da criação pedagógica, como passo necessário do aprendizado em movimento.

6. O(a) professor(a) como quem salta junto - *A aula não é conduzida, é atravessada.*

Ensinar não é levar pela mão, mas saltar ao lado. O(a) professor(a) não ocupa o lugar de quem domina o trajeto, mas de quem partilha o risco. É quem topa se desorganizar, rever, refazer. É quem aprende com o gesto do(a) estudante e aceita a travessia como companhia. A aula, nesse horizonte, é caminho coletivo, e não trilha marcada.

7. A escola como território de invenção e insubmissão - *A aula como acontecimento, não apenas como rotina.*

A escola, quando reduzida a espaços de obediência e repetição, deixa de formar. Por isso, a Pedagogia do Salto propõe desestabilizar a previsibilidade. A aula pode ser desvio, invenção, improviso, um acontecimento. Algo que não estava previsto, mas que se torna pedagógico justamente por acontecer. A escola deixa de ser espaço de contenção para ser espaço de criação.

8. O currículo como cartografia em movimento - *Não é roteiro fixo, se redesenha com o gesto.*

O currículo, nesse entendimento, não é um plano rígido a ser cumprido, mas um território a ser explorado. Ele pulsa, se move, se dobra. O conteúdo importa, mas não se sobrepõe ao encontro. A Pedagogia do Salto propõe um currículo que salta: que acompanha o ritmo do corpo, do grupo, do mundo. Uma cartografia viva, que se reescreve à medida que se caminha e que se salta.

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE UMA PEDAGOGIA QUE SALTA

Já lemos muitos textos potentes. E, ao final de muitos deles, veio o silêncio desconfortável que sussurra: “*mas daí?*”. Bonito no papel, difícil na quadra. Inspirador no artigo, desesperador no pátio.

A Pedagogia do Salto sabe que esse “*idai?*” existe, porque ele também nos atravessa. Porque não basta uma ideia ser boa: ela precisa ser possível, ser adaptável, ser viável com trinta corpos inquietos e uma direção que manda recado no meio da aula cobrando resultado.

Essa pedagogia, por isso, não se pretende heroica. Não exige professores(as) corajosos o tempo inteiro, nem sugere que o salto seja sempre glorioso. Pelo contrário: há dias em que saltar é só não desistir. Em que o salto é cancelar a proposta planejada e acolher o choro. Ou segurar a onda mesmo com dor de cabeça, medo de advertência, ou quando você já gastou tudo que sabia. Saltar pode ser também ficar, mas ficar com presença, com escuta, com desejo de não se anestesiarem.

O risco, aqui, não é tratado como metáfora romântica. É concreto, institucional, jurídico. Sabemos que há medo legítimo, que há escolas que não apoiam, que há famílias que culpabilizam e sistemas que punem. A Pedagogia do Salto não ignora isso, ela nasce disso. Não é uma pedagogia para a escola ideal, é uma pedagogia para fazer fresta na escola que temos.

Potente não é quem resolve tudo. Potente é quem inventa com o que tem. A cada dia, o salto se redesenha. E se ele parecer pequeno, hesitante, improvisado, ainda assim ele conta. Porque saltar, como educar, nunca é só sobre chegar longe, é sobre não deixar de tentar, mesmo quando o teto é baixo, o tempo é curto e a esperança parece escassa.

Desafiar a normatividade escolar não é romântico, é exaustivo. Saltar exige força, mas também exige amparo. E sabemos: a escola pública muitas vezes não oferece nem um, nem outro. Há professores(as) que desejam inovar, mas não têm material, não têm tempo, não têm espaço. E mais do que isso: não têm respaldo institucional para arriscar.

Na prática, o medo do risco não é paranoia. Ele se justifica em cada ocorrência registrada, em cada olhar atravessado da gestão, em cada responsabilização indevida. Criar algo novo é bonito, até que o aluno se machuque e o(a) professor(a) fique sozinho(a) na sala da direção. Por isso, a Pedagogia do Salto não pode ser pensada como tarefa solitária, mas como movimento coletivo e institucional. Sem isso, o salto vira “estabaco”.

Além disso, é preciso falar do cansaço. Não dá pra saltar sempre. Há dias em que o salto não acontece, e tudo bem. Essa pedagogia não exige espetáculos, mas pequenos desvios. Saltos mínimos também sustentam caminhos.

Mas se os desafios são reais, as potências também são. E elas não são teóricas, são visíveis. Em cada aula que se reconfigura no improviso, em cada estudante que se emociona com uma proposta diferente, em cada vínculo que se estreita quando a escuta acontece antes do conteúdo. Saltar permite que o ensino recupere o que muitas vezes a rotina apagou: o encontro.

A Pedagogia do Salto não é só possibilidade para os(as) estudantes, ela é também uma chance de reencantar a docência, de lembrar por que começamos a ensinar. Ao rejeitar o roteiro fixo e confiar

no gesto presente, a aula se torna viva. E viva, ela pulsa. E quando pulsa, ela comunica que ainda há escola, não apenas como prédio, mas como espaço de criação.

Por isso, não propomos uma pedagogia de super-heróis e heroínas. Propomos uma pedagogia de gente comum, que tenta, que tropeça, que ajusta, que inventa. Que salta mesmo sem saber se vai dar certo. E que entende que, às vezes, o salto não é a solução, mas é o começo da pergunta certa.

E ainda assim, há algo que sobrevive mesmo sob escombros: o desejo. E é ele que, vez ou outra, empurra o salto. Não o salto espetacular de vitrine, mas o salto torto, cotidiano, quase invisível. O salto que é não abandonar a escuta, mas começar de novo depois da reunião que te desmontou. Que é seguir acreditando que algo pode nascer do caos, nem que seja um rabisco de caminho. Há potência em confiar que o imprevisto pode ser método. Em olhar para a aula como acontecimento, e não como tarefa. A Pedagogia do Salto reconhece essa potência nas margens da aula, no que escapa, no que desorganiza, no que insiste. E por isso ela se sustenta mesmo em terrenos instáveis, mesmo sem garantias, mesmo sem manual de instruções.

Claro, isso exige coragem. Mas exige, mais do que tudo, companhia. Ninguém salta sozinho o tempo todo. Saltar pode ser também contar com alguém que escute, que repare, que valide. Porque às vezes o salto do outro é o que nos lembra que ainda podemos tentar o nosso.

E sim, vai ter queda. Vai ter cobrança injusta, plano que desanda, advertência indevida, mas vai ter também, e sempre tem, aquele momento em que o(a) estudante te olha com olhos brilhando, diz “tia, foi legal hoje”, ou simplesmente te chama pelo nome com verdade. Ali, ainda que por segundos, tudo faz sentido.

É por isso que essa pedagogia não oferece certezas, mas travessia. Não traz garantias, traz gestos. Não aponta a linha de chegada, propõe movimento. Porque se há algo que o salto ensina é que, mesmo sem saber o que vem depois, ainda vale a pena sair do chão.

APLICABILIDADE TRANSVERSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Uma pedagogia só sobrevive se puder descer do texto e pisar na quadra. E aqui é preciso ser honesta: a Pedagogia do Salto não vem com manual, mas vem com um convite, o de pensar que o salto pode acontecer em qualquer conteúdo, com qualquer corpo, em qualquer espaço, desde que o(a) professor(a) esteja autorizado(a) a tentar.

Mas e se os alunos se machucarem? A pergunta continua voltando. E precisa ser escutada com seriedade. Não dá para fingir que o risco não existe, pois ele existe. E, sim, há professores(as) sendo

responsabilizados(as), investigados(as), punidos(as). O salto, portanto, só é possível se for também pensado com cuidado, com planejamento, com respaldo. Não é salto no escuro, é salto com lucidez.

A aplicabilidade da Pedagogia do Salto, por isso, não está em transformar a escola num parque de aventuras, mas em deslocar o olhar pedagógico mesmo nas práticas já conhecidas. É possível saltar dentro dos Jogos e brincadeiras, da Dança, da Luta, do Esporte, da Prática Corporal de Aventura e da Ginástica. Saltar, aqui, é assumir o risco como parte do processo, mas sem jamais desprezar a segurança real e simbólica do grupo.

A pergunta não é só “e se se machucarem?”, mas também:

- E se não propusermos nada por medo de errar?
- E se a escola seguir evitando o corpo por receio do tropeço?
- E se a EF for apenas o espaço de repetir o que já é aceito, para não ser questionado(a)?

A Pedagogia do Salto convida a pensar o cuidado como um gesto coletivo: proteger não é impedir o movimento, é aprender a acompanhar o movimento com escuta, com planejamento, com diálogo com a gestão e com os(as) estudantes. É possível negociar espaços, estabelecer combinados, propor o salto com ética e com apoio. Não como fuga da realidade, mas como sua reconfiguração cotidiana.

A aplicabilidade da Pedagogia do Salto não exige ruptura total com os conteúdos escolares, mas sim um deslocamento no modo como eles são vividos, mediados e compreendidos. O salto, aqui, é menos um exercício técnico e mais uma forma de relação com o ensino, uma relação que aceita o risco, o erro, o imprevisto e a autoria como partes constitutivas do processo.

Se o risco é parte inevitável da prática corporal, e não seu acidente, então a Pedagogia do Salto não pode ser restrita a uma apenas, nem a um estilo de aula. Ela atravessa tudo aquilo que envolve movimento, corpo e imprevisto: ou seja, toda a EFE. Saltar, nesse contexto, não é praticar acrobacias, mas aceitar o imprevisível como parte do caminho. E esse caminho pode passar por diferentes práticas, com diferentes riscos: todos reais, todos possíveis, todos pedagogicamente relevantes.

Nos Esportes, por exemplo, o risco não é exceção: é regra do jogo. Está no embate direto, no imprevisível do adversário, no corpo que escorrega, no chute que vira voadora, no carrinho que eles(as) dão no cimento, no dedo que “dobra” tentando agarrar a bola, no erro que custa um ponto ou um gol. Está na bolada no rosto, no ombro deslocado do(a) goleiro(a), na coxa enganchada na trave que sempre sai mais sangue do que aquele(a) aluno parece ter. E ainda assim, ninguém questiona se os Esportes devem estar na escola. Pelo contrário: ele é legitimado, valorizado, defendido com unhas, dentes — e atestados médicos. Por quê? Porque aprendemos a gerenciar seus riscos, não a negá-los. Existe planejamento, cuidado, adaptação, e uma certa aceitação tácita de que, sim, às vezes vai ter

bolada na cara. E segue o jogo. A Pedagogia do Salto nos convida a aplicar o mesmo raciocínio a todas as demais práticas.

Nas Danças, o risco se disfarça de estética, mas está lá: o medo da exposição, o constrangimento de dançar diante da turma, o desequilíbrio literal do giro que falha, no tornozelo que vira no Frevo, na cabeçada accidental na formação do Coco, o tropeço no próprio passo. Dançar é pôr o corpo em evidência, e isso, para muitos(as) estudantes, é mais arriscado do que escalar um muro. Tem o medo de errar o passo, de ser zoad(a), de escorregar no chão e acabar viralizando no grupo da escola com alguma figurinha.

Tem o(a) aluno(a) que faz de tudo para escapar: vira DJ da aula, vira crítico de dança, vira fiscal do som, só não vira o próprio movimento. Dançar é se mostrar. E se mostrar, na escola, às vezes parece perigoso demais. Na Dança tem o risco simbólico de ser julgado(a), e tem o risco físico mesmo: o clássico “professora, posso sentar um pouco? Tô meio zonz(a)”. E a gente sabe: a quadra vira palco, mas também vira pronto atendimento. Aqui, o salto é confiar no gesto como linguagem, mesmo que o movimento ainda seja trêmulo. É rir junto quando alguém erra o passo e inventar, a partir do erro, uma nova coreografia. É fazer da dança um espaço de liberdade.

Nas Lutas, o risco é ainda mais evidente e frequentemente mal compreendido. É corpo no corpo, força, toque, impacto. É aquele momento em que o(a) estudante pergunta “pode de verdade?” e o(a) colega já estala o pescoço como quem vai para a final do UFC. Tem a chave de braço mal dosada, o mata-leão que precisa virar abraço rápido, o tombo que vira pirueta involuntária, o joelho no chão que vira esfolado.

Mas quem ensina lutas sabe: o risco não é ausência de controle, é presença dele. É ensinar o golpe e, mais ainda, o antídoto: a queda segura, o respeito ao outro, o limite da força e que o adversário não é inimigo. E isso, na escola, é uma revolução silenciosa: ensinar a confrontar sem machucar, a tocar sem invadir, a reagir sem ferir. O salto, nesse caso, é educar para o enfrentamento ético, não para a violência. É transformar o impulso em técnica, o impulso em escuta. E sim, às vezes vai ter um nariz que sangra, uma canela que bate, um “sem querer” que vira “agora pede desculpa!”. Mas o que se aprende ali vai muito além da luta: aprende-se a conviver, a controlar, a ceder, a parar quando o outro diz “chega”. Saltar aqui é ensinar o limite com firmeza e com afeto.

Nos Jogos e brincadeiras, o risco mora no improviso e corre descalço na quadra. Está no “sem querer” que vira empurrão, na corrida desajeitada que termina com dois no chão e um tênis voando, na disputa pelo pega-pega que acaba com alguém agarrado(a) no portão chorando porque “não vale empurrar com as duas mãos”. Tem o dente de leite que desaparece sem testemunha ocular, o cotovelo ralado que vira orgulho de guerra, o(a) aluno(a) que tropeça no próprio cadarço (mesmo de velcro) e o clássico conflito diplomático porque alguém chamou o *Pikachu* de feio. Tem sempre aquele(a) que

cai, levanta e diz “tô bem” enquanto a testa está roxa, ou o(a) outro(a) que “nem *tava* brincando” mas se machucou mesmo assim, e agora precisa de gelo e carinho.

O salto aqui não é coordenar o jogo perfeitamente, mas aceitar o caos como parte do processo pedagógico. É entender que brincar é experimentar, é testar os próprios limites. E que às vezes vai dar ruim. Vai ter queda. Vai ter choro. Vai ter quem queira mudar a regra no meio. Mas tudo isso faz parte da aprendizagem. A Pedagogia do Salto, aqui, propõe que a falha não vire ocorrência, mas escuta, e que a regra quebrada não vire punição, mas reinvenção coletiva.

Na Ginástica, o risco é técnico e altamente simbólico. É a prática dos rolamentos, saltos e apoios com corpo e alma, mas na maioria das vezes sem colchonete. São movimentos que pedem força, coordenação, precisão, mas também um certo grau de loucura (aquela que só professores(as) de EF entendem). O(a) aluno(a) olha, escuta a explicação do rolamento para frente, faz cara de dúvida, dá impulso e... gira direto no joelho. Ou no ombro. Ou para trás. Ou gira demais e pára de costas olhando o teto da quadra. Ele(a) gira para qualquer direção, desde que não seja a que você pediu.

Tem sempre aquele(a) que quer pular mesmo sem nunca ter subido no banco. Ou o(a) que acha que pode tentar parada de mão encostando na parede... da secretaria. Tem joelho que raspa no chão e sai parecendo obra de arte em aquarela, e tem os(as) que tentam a ponte e descobrem que, na verdade, só conseguem a lombar tremendo. Mas a Pedagogia do Salto, aqui, não está no giro perfeito, está em reconhecer que há aprendizado no desequilíbrio. Que errar o rolamento não é fracasso, é percurso. Que saltar para cima da caixa e cair do outro lado com elegância zero ainda é salto. Que o corpo não aprende de primeira, e tudo bem. Que a ginástica escolar não é espetáculo: é vivência, tentativa, repetição, escuta.

A progressão, o acolhimento e a adaptação são, aqui, os elementos do salto seguro. E o salto pedagógico está exatamente nisso: confiar que o corpo, mesmo trêmulo, inseguro ou desajeitado, tem direito à experiência. Porque na ginástica escolar, mais do que formar atletas, formamos corpos que se arriscam e que, ao final da aula, descobrem que do chão eles(as) não passam.

Nas Práticas Corporais de Aventura, o risco é o que salta primeiro aos olhos e, geralmente, direto para o relatório da direção. Basta mencionar a palavra rapel, trilha, corda ou subida em árvore que já acende um alerta no olhar do(a) gestor(a), da Secretaria, dos(as) responsáveis e do jurídico da prefeitura. E é curioso: o olho da gestão, que passou o ano todo míope para a falta de material, para o esgoto estourado na quadra, para a ausência de formação continuada, para a falta de cobertura para o sol, de repente enxerga com uma nitidez de invejar quando o(a) professor(a) fala em levar os(as) alunos(as) para uma aula na praça, no mato, fora da escola.

Mas como ignorar que viver também envolve risco? A travessia de um rio, a escalada de um paredão, o pulo de uma pedra: tudo isso é metáfora encarnada de enfrentamento, de confiança, de

autonomia. E a escola não deveria ser esse lugar? Onde a criança aprende que o medo existe, mas pode ser enfrentado. Que o corpo pode confiar em si mesmo, pode se equilibrar, pode calcular a própria força, e também pode se desequilibrar e rir disso. Claro, não é para colocar os(as) alunos(as) pendurados(as) sem equipamento ou como cair em segurança, mas também não é para interditar a experiência só porque ela é nova, intensa ou diferente. O salto, nesse caso, é institucional: é garantir formação, respaldo e estrutura para que o(a) professor(a) não pule sozinho(a).

É conversar com a gestão antes de ser convocado(a) para “explicar melhor esse projeto de acampamento”. É elaborar proposta, criar plano B, fazer parecer técnico e ainda lidar com o(a) aluno(a) que chega com uma sacola de pão achando que a aula ao ar livre é piquenique. Porque sim, vai ter risco. Mas vai ter também aprendizado com gosto de descoberta, aquele que não cabe em planilha, mas fica no corpo pra sempre.

Por fim, o maior risco talvez esteja no próprio ato de ensinar diferente. Porque há risco quando se desvia da norma, quando se propõe o novo, quando se quebra o roteiro. E a escola, sabemos, não lida bem com desvios. Desviar do previsto ainda soa, para muitos, como ameaça e não como criação. A Pedagogia do Salto reconhece esse risco e o acolhe não como inimigo, mas como matéria-prima da reinvenção pedagógica. Porque não há salto sem hesitação, sem desequilíbrio, sem dúvida. O que propomos, portanto, é que o risco deixe de ser desculpa para o *não* e se torne ponto de partida para o *como*.

Que possamos parar de justificar a ausência de determinadas manifestações corporais com o argumento da insegurança, quando o que falta, na verdade, é apoio, formação e vontade política de permitir o salto. Porque se o risco está em todas, então o cuidado também pode (e deve) estar em todas. E é exatamente ali, onde há tensão, que pode haver também potência.

O que é defendido não é inconsequência, mas coragem planejada. Não é loucura solitária, é coletivo em ação. Não é salto no escuro: é pulo com lanterna, com rede, com apoio. E se às vezes a rede falhar, o que pode e provavelmente vai acontecer com uma certa frequência, que pelo menos haja alguém para rir junto, segurar a mão e dizer: “foi bonito o que você tentou”. Porque no fim das contas, a grande pergunta não é “e se der errado?”, mas sim: “e se for maravilhoso?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ensinar é saltar

Ensinar é, por definição, um salto. Um salto no tempo, no espaço, no corpo e no outro. E, no mais das vezes, um salto no escuro. Não há ensino que se sustente apenas na certeza, na técnica ou na repetição. Ensinar é apostar que o gesto, mesmo falho, pode comunicar. Que o corpo, mesmo

cansado, ainda carrega potência. Que a escola, mesmo sitiada por normatividades e controles, ainda pode ser lugar de invenção.

A Pedagogia do Salto nasce dessa aposta. Não como método, não como manual, não como fórmula para resolver todos os problemas, mas como uma proposição ética, poética e política para enfrentar as pedagogias do mesmo. Ela parte de uma contribuição autoral, sim, mas que não se sustenta sozinha. Porque ninguém salta sem apoio. Ninguém reinventa a escola isolado. Ninguém muda a aula por decreto.

Essa pedagogia é coletiva em sua essência. Ela se escreve com cada professor(a) que, em vez de repetir o roteiro, escutou a turma e desviou o plano. Com cada professor(a) que sustentou o imprevisto, mesmo sob olhares de desconfiança. Com cada educador(a) que caiu, mas escolheu cair tentando e não apenas repetindo o que já estava gasto.

A Pedagogia do Salto não se encerra aqui. Ela continua em cada aula que pulsa, em cada gesto que resiste, em cada escuta que atravessa. É um conceito em movimento, porque foi gerado no movimento e só faz sentido se continuar em movimento. Ela não oferece respostas fechadas, mas caminhos abertos. Convida, não obriga. Provoca, não dita. Abre passagem, não fecha sentido.

Ainda que ela não se configure como método ou técnica, ela pode ganhar corpo em gestos pedagógicos concretos, que ajudem o(a) professor(a) a visualizar modos de habitar a escola a partir do salto. Em algumas experiências, isso tem se materializado em ações simples: caminhar com os(as) estudantes pela escola para identificar seus “muros”, os lugares que impedem, desencorajam ou silenciam; transformar um obstáculo cotidiano (um degrau, um banco, uma linha no chão) em convite para discutir como cada corpo negocia risco, escolha e autoria; propor que a turma redesenhe o trajeto habitual até a quadra criando rotas alternativas, desviando, contornando ou reinventando o percurso; convidar grupos a criar pequenas travessias que expressem algo do que vivem, sentem ou desejam; ou ainda promover conversas sobre os “saltos” simbólicos necessários para que alguém participe, pertença ou se mova na escola. Tais exemplos não prescrevem um caminho, mas abrem imagens possíveis, não para ensinar *como* fazer, mas para que cada professor(a) comece a encontrar, em seu território, maneiras singulares de praticar a Pedagogia do Salto.

Por isso, este texto não se conclui: se lança. Como quem salta. Como quem convida. Convida professores(as) a arriscarem não por heroísmo, mas por humanidade. A saltarem com seus corpos, seus saberes, suas contradições e suas escolas. A saltarem não apesar do medo, mas junto com ele. Porque o salto, como o ensino, não exige asas. Exige coragem e alguém para segurar a mão na hora do impulso e para ajudar a levantar quando enfiarmos a cara no chão. Espero que esse texto possa ter sido essa mão, essa companhia, esse empurrãozinho sutil. Se foi, já valeu a pena saltar com você.

E se, ao fim da leitura, você ainda se perguntar “mas e se der errado?”, lembre: sempre pode dar errado. Com sorte, não logo na primeira aula. Mas quando der, respira fundo e lembra: já deu errado antes, sem salto nenhum. Então, se é para cair, que seja tentando pular. Sempre que o medo parecer que vai te engolir, se pergunte: E se der certo? E se o(a) estudante sorrir? E se você lembrar por que escolheu ensinar? Se é para cair, que seja de pé. De preferência, com estilo, argumento e um plano de aula que faça a gestão suar só de imaginar.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí, 2005.

FRANÇA, Dilvano Leder de; DOMINGUES, Soraya Corrêa. Possibilidades e desafios no ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e89906>

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, p. 20-28, 2002.

LEAL, Orlando de Jesus Garcia *et al.* O conhecimento de professores sobre as abordagens pedagógicas da educação física. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v. 16, n. 5, p. 01-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n5-041>

MENECH, Leandro de; CARDOSO, Ana Lucia. Entre a “não aula” e a aula na educação física: caracterizações necessárias. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 5, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18616/rsp.v5i2.6817>

MILAGRES, Pedro; SILVA, Carolina Fernandes da; KOWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p160>

NUNES, Higor Vinícius Alves; LIMA, Wanderson Pereira. A importância da educação física e psicologia na construção de um novo Brasil: ênfase às décadas iniciais do século XX. **Revista Brasileira Militar de Ciências**, v. 9, n. 23, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36414/rbmc.v9i23.162>

OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de. Corpos dissidentes na Educação Física: ressignificar é educar. **REDFOCO**, v. 4, n. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.59776/2358-243X.2017.683>

PEREIRA, Jéssica Urrutia; LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; ILHA, Franciele Roos da Silva. Perspectivas pós-críticas na Educação Física: articulações possíveis às metodologias ativas de ensino. **Dialogia**, São Paulo, n. 43, p. 1-15, e22851, Jan./Abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5585/43.2023.22777>

RIBEIRO, Marco Antonio Sabatini; CARVALHO, Alexandre Filordi de. Nietzsche contra a domesticação das instituições de ensino. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.43, n.3, p. 45-71, set./dez., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-82422022v4303masr-afc>

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

SEHN, Alana Ivani; NEUENFELDT, Derli Juliano. Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar: o que os professores têm a dizer? **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 14, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v14i2a2022.3083>

SILVA, Marcelo Moraes e. Escola e Educação Física: maquinaria disciplinar, biopolítica e generificante. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 343-357, abr./jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000200007>

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2012.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declarou que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 21/05/2025

Aprovado em: 11/12/2025